

DOCUMENTAÇÃO

O papel de um museu no trabalho de uma universidade

Os museus de arte contemporânea têm proliferado ultimamente em Espanha. Mas um museu deste tipo numa universidade é algo de inovador, que não se reduz a um espaço de exposição. O Museo Universidad de Navarra, inaugurado no passado dia 22 de janeiro, integra-se no *campus* universitário, não só através do trabalho arquitetónico de Rafael Moneo, como também pela tripla vocação com que nasceu: a difusão, a investigação e a docência.

O Museo Universidad de Navarra (MUN) nasceu graças à generosidade de duas pessoas: María Josefa Huarte, falecida no passado dia 8 de fevereiro aos 87 anos, propiciou a sua criação, quando doou em 2008 a sua coleção de arte, composta por obras de Rothko, Kandinsky, Picasso e Chillida, entre outros. A esta coleção junta-se o antigo Fundo Fotográfico da Universidade, iniciado há mais de vinte anos com o legado de um dos principais fotógrafos espanhóis do século XX, José Ortiz-Echagüe.

O MUN quer ser, nas palavras do seu diretor, Jaime García del Barrio, “um meio de investigação que seja atrativo para o artista”, uma oportunidade para “melhorar a formação humanística dos alunos” e “estimular a investigação interdisciplinar”, além de um “amplificador das mensagens positivas da arte contemporânea”.

— Mais de um mês depois da inauguração e após estas semanas de portas abertas, como foi recebido o Museu?

— Neste primeiro mês fomos visitados por quase 30 000 pessoas. Fizemos as nossas contas e calculamos umas 70 000 num ano. Daí que tenha superado as expectativas, pois não esperávamos tanto.

Um museu enraizado na cidade

— Fala-se muito do Museu como ponte para a cidade. Em que sentido se diz isto?

— Queremos impulsionar a interação entre a universidade e a cidade. Em qualquer lugar, parte da identidade de um centro

universitário é servir uma comunidade e estar enraizada nela. Pode-se sempre melhorar. Na Universidade de Navarra, os temas de segurança que observámos terão levado a que resultasse por vezes pouco acessível. Agora tudo isso pode mudar e o Museu é uma das vias para gerar essa mudança.

— Que acréscimo pode oferecer o MUN aos artistas comparativamente a outro tipo de museus?

— Proporciona um meio de investigação e de acompanhamento ao artista. Tentamos fazer algo que é o que melhor podemos fazer: ser um museu universitário. Não podemos ser o Guggenheim, mas o que podemos dar ao mundo da arte é um meio estimulante de investigação que seja atrativo para o artista.

Quando Íñigo Manglano-Ovalle veio cá para preparar o seu projecto “The Black Forest”, pôde falar com a Cadeira de Madeira da Escola de Arquitetura, com a Faculdade de Filosofia e Letras para aprofundar Heidegger – visto que a sua obra é baseada num ensaio do filósofo alemão –, com o Fundo Fotográfico, para saber mais sobre a técnica da revelação do carvão de Ortiz-Echagüe; professores de botânica deram-lhe conselhos sobre as florestas da zona... Manglano-Ovalle dizia que não era fácil encontrar um lugar onde conversar com pessoas de áreas tão diferentes que podem dar uma grande contribuição para o trabalho do artista.

Pensamos que acompanhar o artista em todo esse processo é como entrar na sua oficina. E isso é o que queremos, porque achamos ser necessário, é feito por poucos e uma universidade pode fazê-lo.

— Além disso, estão há mais de dez anos a preparar-se, com o projeto de fotografia “Tender Puentes”...

— Sim, “Tender Puentes” consiste em convidar artistas atuais a fazerem uma reinterpretação dos nossos fundos, que investiguem e proponham algo novo. Fizemo-lo já com dezoito artistas e demo-nos conta de que eles estão muito confortáveis com isso. Interessa-nos trabalhar especialmente com artistas jovens, na altura em que necessitam de um empurrão, e depois poder ter uma relação a longo prazo com eles.

Formação humanística através do museu

— **O Museu é um acrescento artístico à Universidade ou algo que faz parte do seu trabalho docente e investigador? Poderá ser mais claro o seu interesse para alunos de Humanidades ou de Arquitetura, mas para o resto dos cursos?**

— Pretendemos que qualquer aluno da Universidade, frequente o curso que frequentar, tenha uma formação universitária completa. E é aqui que o Museu desempenha um papel necessário. A formação humanística é fundamental para se ser realmente universitário e para se ter uma visão global, crítica e construtiva do mundo. Queremos que as humanidades estejam presentes em tudo, e o Museu é uma maneira de o levar a cabo.

— **Como parte da docência que o Museu quer impulsionar, foi lançado este ano, juntamente com a Faculdade de Filosofia e Letras, o Diploma em Estudos de Curadoria. Pensou-se numa licenciatura em Belas Artes?**

— Temos vindo a crescer e há que fazê-lo organicamente, aos poucos. Este diploma parecia-nos um esforço acessível com os recursos e conhecimento que temos neste momento: funcionou bem e serviu como experiência prévia de modo a podermos dar mais um passo para um Mestrado de Estudos de Curadoria e Direção de Projetos Artísticos, que gostaríamos de ter em setembro de 2016. Há uma procura para isto e na Europa ainda não está muito desenvolvido.

Também começámos um doutoramento em criatividade com a Escola de Arquitetura e com o ISEM Fashion Business School. O desenho é outro tema importante e em crescendo. Inclusivamente poderia mergulhar no ramo das artes cénicas. Uma licenciatura em Belas Artes? Tenho as minhas dúvidas. Acho que agora esse conceito em Espanha é suscetível de melhoria...

Arte com que poder dialogar

— **A coleção de María Josefa Huarte é composta por um total de 48 obras de 19 artistas, mas não estão expostas todas as obras do seu legado. Pensou-se numa rotatividade?**

— Exposição permanente significa que expomos os nossos fundos, mas não que isso seja estático. Parecia-nos que a coleção de María Josefa era melhor entendida assim e incluir outras obras quase que levaria a uma distorção. No futuro, ir-se-ão expondo outras, inclusivamente com obras de outros artistas, haverá outras leituras...

— **Está nos seus planos ampliar a coleção permanente e aumentar o fundo de fotografia?**

— De momento, estamos a tentar terminar o financiamento do edifício e não nos lançámos no crescimento da coleção, embora gostássemos e María Josefa, ao fazer a sua doação, também o queria assim: que isto fosse o início de uma coleção

maior. De qualquer forma, não temos especial interesse em sermos proprietários de obras, o nosso objetivo é que as obras estejam acessíveis ao público, à investigação... A coleção irá crescer, sim, mas já veremos como: com depósitos, com doações, com recomendações...

No fundo fotográfico temos mais de 15 000 peças e há 4 000 que não são nossas. Na compra de fotografia aí temos um papel mais ativo, também porque é mais acessível economicamente e porque estamos há vinte anos a comprar com muito senso e a completar a coleção. É uma coleção de referência mundial e queremos que continue a sê-lo.

— **É um Museu de Arte Contemporânea. Pensaram em centrar-se nalguns movimentos ou artistas em concreto?**

— Mais do que de movimentos, falaria de um tipo de artista: o tipo de artista que virá ao Museu é um artista interessado na nossa coleção, em investigar, num contexto universitário. Interessa que o estudante viva tudo isso e veja que por detrás de um artista não existe alguém caprichoso, mas que trabalha muito, de modo muito disciplinado, sacrificado e generoso. Esse é o perfil de artista que procuramos.

Solidariedade entre museus

— **O “L’esperit català”, de Tàpies, ou o Rothko, estiveram noutros museus antes de serem expostos no MUN. Pensaram em como desenvolver a relação com outros museus?**

— É obrigatório que colaborem. Quando se entra neste mundo, vemos que funciona assim: empresta obras, emprestam-te a ti. O Rothko esteve no Thyssen e no Marmottan Monet de Paris, o Millares no Reina Sofia, o Palazuelo no Museo Oteiza, o “L’esperit català” no Museo de Bellas Artes de Bilbao... Há bastante solidariedade entre museus. Quando por vezes há tanta divisão e confronto na sociedade, é bonito ver que existem setores onde se tenta colaborar e estabelecer um entendimento. Em prestaremos obras e vão-nos emprestar obras e queremos estabelecer redes com outros museus.

Estamos a trabalhar com os museus locais vendo as possíveis colaborações, e também com os agentes culturais da zona, pois a preocupação por aqueles que estão longe seria pouco genuína, se não nos preocuparmos primeiro com os mais próximos, geográfica e concetualmente. Por exemplo: os museus universitários, que não são museus convencionais. Além da rede local, programámos um espaço pirenaico de arte contemporânea com centros dessa arte localizados nas comunidades autónomas vizinhas de Navarra, ou que partilham com ela limitar ao norte com os Pirenéus.

Observamos que, às vezes, aos museus latino-americanos lhes falta serem representados na Europa e gostaríamos de colaborar com eles e melhorar essa situação.

— Acha que estas redes vão influir positivamente na internacionalização da Universidade de Navarra?

— Muitos museus universitários e universidades do mundo estão a dirigir-se a nós com um interesse

maior, suscitado pelo Museu. Entramos num circuito mundial e numa primeira divisão de universidades que nos pode levar não apenas a um intercâmbio de obras de arte, como também de professores, de alunos, de doutorandos, e tudo isso é positivo.

Também trazer artistas estrangeiros. E, embora os dois artistas que expõem nesta altura sejam espanhóis, também são internacionais: Mangiano-Ovalle, que estreou a sala de exposições temporárias, tem base em Chicago, e Carlos Irijalba é um artista local, mas também é o único espanhol com residência na prestigiosa Rijksakademie de Amesterdão.

Loucuras que nos fazem crescer

— Porquê meter-se na loucura de um projeto tão grande num cenário complicado economicamente?

— Metemo-nos antes de o cenário se ter complicado e quando chegou a crise decidimos não parar. Loucura? Quando se começou a Universidade também parecia uma loucura. Vir fazer o Edifício Central no meio de umas hortas longe da cidade, outra loucura... Montar uma Faculdade de Comunicação quando não existia em Espanha o curso de jornalismo: loucura... Como o IESE ou a Clínica. Essas loucuras são as que nos fazem crescer. O Museu arranca após 20 anos a trabalhar com o Fundo Fotográfico, ou seja, as loucuras nesta Universidade são muito pensadas.

Há pessoas que, por vezes, têm uma visão da arte contemporânea com muitas sombras, mas também existem luzes. Há muito para aprender e às vezes a sociedade manda-nos outra mensagem, sobre uma arte contemporânea agressiva; daí que ser altifalante das mensagens positivas da arte contemporânea seja motivador. Também é motivador o tipo de pessoas que estamos a conhecer através do Museu: os artistas, os agentes culturais, os mecenas, os colecionadores... Esta loucura está a fazer-nos crescer imenso em todos os sentidos.

L. M. A.

Museus universitários na América e na Europa

A possibilidade de aceder às interessantes e variadas coleções culturais nas mãos das universidades, e que o setor dos museus passe a ter um papel mais relevante nos diversos campos da investigação científica, pressupõe um grande passo para a criação, desenvolvimento, transmissão e crítica da cultura.

O University Museums Group UK declarou, num estudo efetuado entre 1989 e 2001, que na Grã-Bretanha havia mais de cem museus universitários abertos ao público, aos quais se tinham de juntar trezentas coleções universitárias, utilizadas prioritariamente para docência e investigação. Afirmava que os museus universitários só representavam 4 % do setor dos museus britânicos, mas possuíam e administravam 30 % do património cultural de interesse nacional ou internacional existente nesse país.

Desses museus, e dos que pertencem a universidades norte-americanas, é possível destacar alguns.

Ashmolean (Universidade de Oxford). É o primeiro museu universitário do mundo, constituído em 1683. Surgiu com a intenção de albergar o gabinete de curiosidades de Elias Ashmole, político e antiquário inglês, que acabou por doar todos os seus pertences à Universidade de Oxford. A coleção é de arte e arqueologia, e abarca civilizações do Oriente e do Ocidente, desde o Neolítico até hoje. Entre outras peças, sobressaem diversas estátuas e objetos do antigo Egito; a coleção minoica de Arthur Evans, a maior fora de Creta; a Crónica de Paros Parian Marble, a mais antiga tabela cronológica grega. Guarda pinturas de Paolo Uccello, Piero di Cosimo, Ticiano, Rembrandt, Willem Drost, John Constable, Pierre-Auguste Renoir, Édouard Manet e Pablo Picasso; desenhos de Miguel Ângelo, Rafael e Leonardo da Vinci; pinturas aquarelas de Turner, e o Stradivarius Messias, um violino elaborado por Antonio Stradivari. A média anual de visitantes é de 800 000.

Fitzwilliam (Universidade de Cambridge). Este centro de arte existe graças à generosidade do visconde Fitzwilliam of Merrion que, em 1816, legou à Universidade de Cambridge a sua coleção de arte, a sua biblioteca, assim como fundos para construir a sede atual do museu. O Fitzwilliam conta com uma oferta variada e exaustiva. A coleção mais relevante, pelo menos na sua atual estimativa e renome, é a de pinturas. Entre as mais famosas destacam-se um políptico de Simone Martini e dois óleos de Ticiano: “Tarquínio e Lucrecia”, pintado para Filipe II de Espanha em 1571, e “Vénus com um organista” (similar a duas versões do Museu do Prado). Há também uma cópia, pintada por Henri Fantin-Latour, do famoso “Enterro de Cristo” de Ticiano que se encontra no Louvre. O grupo de obras de Renoir é também relevante, com oito pinturas e diversos esboços e estampas. Exibe-se igualmente uma paisagem precoce de Paul Gauguin e

importantes pinturas da Irmandade Pré-Rafaelita, de Dante Gabriel Rossetti e John Everett Millais.

Yale Art Gallery (Universidade de Yale). É o museu universitário mais antigo do continente americano. Nasce em 1832 pela doação de parte da coleção do artista norte-americano John Trumbull, com mais de 100 pinturas da revolução americana. Destaque para a sua coleção de elementos decorativos norte-americanos, a sua pintura dos primitivos italianos, escultura africana e arte moderna. Nas suas atividades procura estimular a aprendizagem sobre a arte e o processo criativo. Recebe uma média de 106 000 visitantes por ano.

Fogg Art Museum (Universidade de Harvard). Aberto em 1896, é o mais antigo do grupo de museus de arte desta universidade. Atualmente, a sua nova sede está em construção: terá 19 000 metros quadrados e 4 000 corresponderão à zona expositiva. A sua coleção reúne pinturas ocidentais, escultura, artes decorativas, fotografia, gravuras e desenhos desde a Idade Média até à atualidade. Destaca-se pelo seu programa de investigação que atrai investigadores, professores e alunos; pela organização de eventos para atrair o público em geral; e pelo programa de Membros, com diversos níveis de participação consoante a sua contribuição financeira.

Wolfsonian-FIU (Universidade Internacional da Florida, Miami Beach). Um colecionador e filantropo de Miami Beach, Mitchell Wolfson, decidiu fundar esta pinacoteca em 1986 para exibir e preservar a sua vasta coleção pessoal. Em 1997, doou a coleção e o edifício *art déco* de três andares à Universidade Internacional da Florida. Desde essa altura, o museu é dedicado ao desenho e propaganda de finais do século XIX e princípios do século XX. A coleção alberga mobiliário, artes decorativas, objetos, livros, *posters* e outros elementos que refletem mudanças políticas e sociais entre 1885 e 1945. De particular valor são os materiais sobre American Industrial Design, o British Arts and Crafts Movement e outras escolas e tendências como Art Nouveau, Darmstadt, Vereinigte Werkstätten, Deutscher Werkbund.

MUAC (Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México). Prémio Príncipe das Astúrias 2009 de Comunicação e Humanidades. Inaugurado em 2008, possui a primeira coleção pública de arte atual mexicana. Estabeleceu um novo paradigma na criação artística, no gerar de conhecimento e na aprendizagem dos seus públicos, sempre num quadro de debate, experimentação e crítica. Os seus programas e projetos são uma referência no mundo dos museus universitários. Entre outros espaços, o MUAC conta com um laboratório para o encontro de artistas, comissários e investigadores; e promove o voluntariado de todos os alunos *do campus*.

MAC (Universidade de São Paulo). A sua origem remonta a 1963 e teve lugar graças à transferência para esta universidade brasileira das coleções que faziam parte do antigo Museu de Arte Moderna da cidade de São Paulo. A pinacoteca integra, entre outras, obras de Amedeo Modigliani,

Pablo Picasso, Alexander Calder, Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Lygia Clark e uma estupenda coleção de arte italiana de princípios do século XX. A sua prioridade é a educação e a investigação, tanto para os universitários como para o público em geral. Inclusivamente, os professores lecionam cadeiras opcionais no próprio centro. Por este motivo, não só conta com salas de exposição, como também com uma biblioteca, um auditório e um arquivo documental.

M. M. L.